

Gêneros como construções identitárias nas aulas de língua inglesa do ensino médio / *Gender as identity constructions in high school English classes*

Josenice Cláudia Moura de Lima *

Doutoranda em Linguística Aplicada, pela Escola de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da UFAL - Universidade Federal de Alagoas. Professora de inglês no IFAL - Instituto Federal de Alagoas, campus Maceió.

 <https://orcid.org/0000-0002-6668-2097>

Paulo Rogério Stella **

Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC / SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Professor da FALE (Faculdade de Letras) da UFAL - Universidade Federal de Alagoas, nos cursos de graduação em inglês e de linguagem de sinais.

 <https://orcid.org/0000-0003-4494-6319>

Recebido em 22 out. 2020 **Aprovado** em: 18 mar. 2020.

Como citar este artigo:

LIMA, Josenice Cláudia Moura de; STELLA, Paulo Rogério. Gêneros como construções identitárias nas aulas de língua inglesa do ensino médio. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 9, n. 1, mar. 2020. p. Port. 151-167 / Eng. 148-164. ISSN 2317-2347, UFCG: Campina Grande, 2020.

RESUMO

O presente artigo é um recorte de uma Dissertação de Mestrado e se propõe a analisar uma tirinha produzida por uma estudante de uma turma de ensino médio, que foi resultado de um processo de discussão em sala de aula de língua inglesa acerca de questões relativas aos gêneros como construções identitárias. Seguindo a perspectiva dos estudos bakhtinianos, observaremos a circulação de valores, entendidos como diferenças de gêneros em seus discursos. Para Volochinov (2017), nas interações envolvendo locutores e interlocutores circulam valores sociais e históricos presentes no ambiente onde se encontram. E tais interlocutores respondem ativamente a esses valores, concordando ou discordando com eles. Para tanto, este artigo divide-se em três partes. Na primeira, discutiremos sobre a questão da ideologia de gêneros na contemporaneidade. Na segunda, trataremos do recorte metodológico do trabalho de pesquisa de viés qualitativo. E na terceira e última seção, apresentaremos uma produção de uma estudante sobre a qual refletiremos acerca da ideologia de gêneros com base nos valores trazidos por ela.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros; Língua Inglesa; Linguística Aplicada.

ABSTRACT

This paper is part of a Master's Dissertation and aims to analyze a comic strip produced by a student from a high school English class, which was the result of a process of discussion in the English language classroom about issues related to gender as identity constructions. Following the perspective of Bakhtinian studies, we will observe the circulation of values, understood as gender differences in their discourses. For Volochinov (2017), in the interactions involving speakers and interlocutors circulate social and historical values present in the environment where these interlocutors are. And they actively respond to these values by agreeing or disagreeing with them. As a result, this paper is divided into three parts. In the first, we will discuss the issue of gender ideology in contemporary times. In

*

 claudiajcm@gmail.com

**

 prstella@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v1i9.1549>

the second, we will deal with the methodological approach of the qualitative bias research work. And in the third and last section, we will present a student production about which we will reflect on the gender ideology based on the values she brings.

KEYWORDS: Genders; English Language; Applied Linguistic

1 Introdução

Neste artigo, refletiremos acerca da questão de gêneros, resultado de um trabalho de pesquisa com base em produções textuais de uma turma de ensino médio integrado ao técnico de uma instituição federal no estado de Alagoas. Nesse espaço de ensino, onde predominam pessoas do sexo masculino, ouve-se frequentemente estudantes colocarem-se em lugares bem marcados tanto para o sexo masculino quanto para o feminino, através de discursos em que o homem é visto com base em um paradigma pré-estabelecido de provedor e a mulher é vista como uma figura frágil e dependente do homem. Como consequência disso, esses discursos, aparentemente inofensivos, provocam uma sensação de diminuição de estudantes do sexo feminino em sua força de trabalho, já que as falas reforçam os discursos discriminatórios entre os gêneros.

Percebe-se que no âmbito das pesquisas em Linguística Aplicada, um dos pioneiros a trazer à discussão a questão da ideologia de gêneros foi Moita Lopes (2002) com seu trabalho acerca das *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. No campo da Educação, temos Guacira Lopes Louro, que desde 1997 escreve sobre esse tema. Entretanto, parece-nos que, quando se trata de estudos acerca da ideologia de gêneros nas aulas de língua inglesa, essa busca pode se tornar mais frustrante. Isso é curioso, pois uma Linguística Aplicada crítica, contemporânea precisa estar atenta para questões como essas, pois, segundo Pennycook (1998, p. 46), a produção de conhecimentos “requer que rompamos com os modos de investigação que sejam sociais, apolíticos e a-históricos”. E a questão da ideologia de gêneros está presente nas relações sociais, valorando as interações de sala de aula, além de outros espaços escolares, de forma explícita ou não.

Neste momento, vale a pena refletirmos um pouco acerca dos sentidos de gêneros, pois como Louro (2010, p.14) nos chama atenção, a palavra gênero em um dos dicionários mais conhecidos por nós aqui no Brasil – Aurélio – traz vários significados, mas omite o sentido dado a esse termo depois dos estudos feministas¹, pois, nessa perspectiva, gênero tem a conotação

¹ No Brasil, no fim da década de 1980, embora o movimento tenha se intensificado nos anos 1970.

de papéis sociais que são (des)construídos culturalmente. Nesse sentido, Butler (2015) indaga sobre quais forças que fazem com que os corpos se materializem como sexuados, convidando-nos a problematizar a compreensão da matéria do sexo e dos corpos e questiona: “Que corpos chegam a importar? E por quê?” (BUTLER, 2015, p. 16).

Com tais questionamentos a autora problematiza papéis de homens e mulheres na sociedade e promove discussões sobre a questão da performatividade, trazendo críticas a esse termo. Com base nisso, este artigo se propõe a analisar uma produção linguístico-discursiva-imagética de uma estudante de uma turma de ensino médio, como resultado de um processo de discussão em sala de aula de língua inglesa acerca de questões relativas à ideologia de gêneros. Seguindo a perspectiva dos estudos do círculo bakhtiniano, observaremos a circulação de valores, entendidos como diferenças de gêneros em seus discursos. Para Volochinov (2017), nas interações envolvendo locutores e interlocutores, circulam valores sociais e históricos presentes no ambiente onde se encontram esses interlocutores. E esses respondem ativamente a tais valores, concordando ou discordando com eles.

Para tanto, este artigo divide-se em três partes. Na próxima seção, discutiremos sobre a questão da ideologia de gêneros na contemporaneidade. Na seção seguinte, trataremos do recorte metodológico do trabalho de pesquisa de viés qualitativo. Na última seção, apresentaremos uma produção de uma estudante de uma sala de ensino médio; tal produção norteará as reflexões que erigiremos acerca da questão da ideologia de gêneros com base nos valores trazidos por ela.

2 Refletindo sobre gêneros na contemporaneidade

Butler (2003) problematiza a questão da ideologia de gêneros, dizendo que a diferença de gêneros se dá em diferentes contextos históricos e também ressalta que se soma a essa diferença as diferenças raciais, de classe, étnicas, regionais etc. Daí “resulta que se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida” (BUTLER, 2003, p 18). Em outras palavras, as diferenças estabelecidas entre os gêneros, assim como outras diferenças raciais, de classe etc, são produzidas localmente como respostas a valores circulantes nos ambientes sócio-históricos tanto local quanto globalmente.

Quanto à relação entre global e local, Pennycook (2010) afirma que estas podem ter dois vieses distintos. Em primeiro lugar, o global pode exercer pressões sobre o local a ponto de o local sucumbir ao global, o que leva à desvalorização e até ao apagamento dos valores locais em favor do contexto globalizado, a que o autor denomina de polo negativo da relação. Em oposição ao polo negativo, o polo positivo coloca o ser humano e a linguagem no centro da discussão. Esse ponto de vista se caracteriza pela fluidez do global e do local, isto é, a realidade está em constante mudança, por isso os eventos estarão em contínua interação evolutiva com a mútua inter-relação entre o global e o local. Desse ponto de vista, pode-se afirmar, segundo Stella e Tavares (2013), que local e global nutrem-se um do outro e assim revitalizam-se. E completam: “aspectos que parecem globais de um viés, tornam-se locais de outro e vice-versa” (STELLA; TAVARES, 2013, p. 67).

É importante lembrar que as discussões sobre gêneros, no Brasil, ganharam visibilidade depois do Movimento Feminista, no fim da década de 1980, embora o movimento fora do país tenha se intensificado antes dos anos 1970. Foi esse movimento que começou a questionar o espaço da mulher na sociedade, seu direito ao voto e a ser votada. Hoje a mulher conquistou os espaços antes não preenchidos por ela, principalmente na sociedade ocidental. Mas isso é uma realidade global? Será que a mulher é tratada por igual em todas as partes do mundo? E será que num contexto local – pensando em Alagoas, Maceió, suas periferias – a mulher é reconhecida com igualdade? E quanto às pessoas que fogem da regra da heteronormatividade? Essas questões precisam ser pensadas em nossas aulas, sobretudo as de línguas estrangeiras e materna. Nogueira, Felipe e Teruya (2008, p. 3) afirmam que, ao trabalharmos gênero nas aulas, não podemos ocultar as questões políticas que esse termo traz, pois “o conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia da essência, recusando qualquer explicação pautada no determinismo biológico”, que davam a essa questão uma compreensão de comportamento universal, imutável e naturalista. (NOGUEIRA et al., 2008, p.3).

E essa visão biológica, imutável e determinada de gêneros ainda é muito recorrente nos discursos dentro e fora de sala de aula. Dessa forma, tais discursos, em vez de contribuírem para dissipar diferenças, acabam por justificá-las, reforçando-as.

É preciso que pensemos também como os papéis sociais de gêneros foram sendo moldados nas interações sociais através da língua. Em um contexto global, as discussões sobre gêneros estão avançadas, não só o masculino e o feminino são parâmetros, mas o não-gênero. Mas no nosso contexto local, não só no sentido nacional, mas estadual, o machismo ainda

impera nas relações interpessoais, na língua, nos discursos. Daí a importância, em se buscar refletir acerca desse tema em nossas aulas, nas leituras, e nas produções do alunado. Butler (2003) problematiza a dicotomia feminino/masculino quando diz que o gênero masculino é o item não marcado da língua inglesa, porque é a forma generalizante de denominação dos seres. Assim,

[...] o gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos. E gênero é usado aqui no singular porque sem dúvida não há dois gêneros. Há somente um: o feminino, o 'masculino' não sendo um gênero. Pois o masculino não é o masculino, mas o geral (BUTLER, 2003, p. 42).

Na língua portuguesa, apesar da existência da marca morfológica do gênero feminino, naturalizamos a marca de gênero do masculino como regra geral de denominação de itens da coletividade, por exemplo, na sala de aula, ao nos referirmos ao grupo de discentes, utilizamos a marca morfológica do masculino naturalmente, apesar de as salas de aula serem mistas.

O conceito de gênero foi se formando lentamente, impulsionado pelas lutas sociais em prol da equidade de direitos nas esferas jurídicas, da educação, trabalho e saúde, entre homens e mulheres. O termo gênero foi construído como categoria de análise na segunda metade do século XX, mais exatamente nos anos 70, graças à pressão dos movimentos feministas, com o propósito de distinguir a esfera anatômica, da esfera social do ser, tomando como base a certeza de que nascemos machos, fêmeas ou intersexo (este último corresponde a ambiguidade genital). No entanto, a significação que se dá a essas características sexuais é a de produto da construção histórico-cultural. Nesse viés, o conceito de gênero é um artefato sociocultural que, segundo Foucault (1996), é produzido discursivamente por meio de relações de poder. Assim, parte-se da premissa de que não existem corpos livres de investimentos e expectativas sociais e, nesta sequência de entendimento, a categoria de gênero não corresponde a uma dimensão a-histórica e pré-discursiva. Isto é, deste ponto de vista, gênero deixa sua dimensão biológica e volta-se para uma dimensão discursiva.

Para retomarmos a discussão acerca do ensino de língua, parece-nos que para formarmos leitores críticos acerca dos processos discriminatórios presentes nas sociedades, construídos nos discursos, reforçados por eles e cristalizados neles, são necessários processos educativos que reconheçam as diferenças, que percebam a importância do outro nas relações sociais, que deem vez e voz a todos, pois, somente com a inserção do outro nesse processo, podemos chegar a uma sociedade mais justa e de fato democrática.

3 Um pouco do viés metodológico da pesquisa

Partimos do princípio da não neutralidade do pesquisador em relação a sua pesquisa. Segundo Minayo (1998), toda a pesquisa deve não somente ter um método de trabalho, mas deve também ter uma teoria que subjaz ao método e à perspectiva de observação, além de muita criatividade do pesquisador na construção de seu objeto de análise. Podemos entender essa criatividade, segundo ainda a autora, como a impossibilidade de pensarmos a pesquisa fora do contexto sócio-histórico em que está inserida. Em outras palavras, a pesquisa necessariamente leva em consideração a inserção dos participantes nas correntes de discursos e nos temas sociais circulantes no momento.

Cabe, por isso, uma reflexão acerca do que seja imparcialidade, entendida como um processo de observação distanciada do outro. Ora, considerando-se a opacidade da língua, ou seja, a não equivalência direta e imediata entre os conteúdos externos e os internos dos falantes, pois segundo Volochinov (2017), os processos de produção de sentidos são o resultado de uma tensa relação que se estabelece entre dois contextos opostos, dois interlocutores no mundo, com suas experiências, visões e interesses específicos. Isso significa que os sentidos produzidos não são idênticos para ambos os participantes do processo de interação.

Ao aproximarmos essa perspectiva do processo de pesquisa e, considerando que tudo passa pela língua, então, há uma mediação de valores e pontos de vistas que não podem ser excluídos do processo de observação. Considerar-se imparcial é perceber o outro com base em uma relação de poder em que o observador detém o conhecimento da situação e, portanto, o controle, e o observado ingenuamente atua no contexto naturalmente, mesmo sabendo-se observado. Esse tipo de concepção traz em si marcas do positivismo, que compreende como ciência e pesquisa somente aquilo que está asséptico, supostamente não manchado pelas nossas ideologias.

Compreendemos, ao contrário disso, pois em qualquer pesquisa – seja ela quantitativa ou qualitativa – nossas ideologias estão presentes. Ao delimitarmos nosso objeto de pesquisa, já estamos fazendo escolhas ideológicas. Chizzotti (2003, p. 221), ao discutir o sentido de pesquisa qualitativa, afirma que esta “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. Interessante observar que o autor não

dissocia as pessoas – participantes da pesquisa – de seu lugar e das questões/fatos da pesquisa. Mas, além disso, defendemos que nessa partilha também deveríamos inserir o momento desse convívio, uma vez que pessoas, lugares, momentos, questões estão imbricadas num processo de pesquisa.

Neste estudo, refletiremos, a partir de uma produção textual, a respeito do tema diferença entre gêneros. Essa produção foi resultado de um processo que se iniciou com uma discussão e reflexão acerca dos papéis sociais de pessoas do sexo masculino e do sexo feminino.

4 Sexo, gênero biológico e identidade de gênero

A produção mostra o momento anterior à concepção de uma criança, pois apresenta uma corrida de espermatozoides até a chegada ao óvulo, num primeiro momento; e no segundo e terceiro momentos, vemos uma conversa entre uma futura mãe e um médico.

No primeiro quadrinho, vemos um espermatozoide que consegue chegar ao óvulo e diz: *Yeah! I managed. And now that I may grow, I will become a great genius of technology and win prizes too*².

No segundo quadrinho, lemos: *Five monther (sic) later* para indicar que se passaram cinco meses; e nessa cena vemos que a mãe vai ao obstetra saber o sexo do bebê. A mãe pergunta: *Then, doctor, can you already tell the sex of the baby*³? Ele responde: *Sure! It is...*⁴ Enquanto o médico faz suspense, o bebê pensa: *Speak soon... I also want to know*⁵

Então, no terceiro quadrinho, O médico diz: *...a girl*⁶. A mãe vibra: *That (sic) wonderful!!!*⁷ e a menininha ouvindo tudo, diz: *Damn it! Already*⁸ *were my plans for the future*⁹(sic)!

² Oba! Consegui! E agora que vou crescer, eu vou me tornar um grande gênio da tecnologia e ganhar prêmios também!

³ Então, doutor, você já pode me dizer o sexo do meu bebê?

⁴ Claro! É...

⁵ Diz logo, também quero saber

⁶ uma garota"

⁷ Que maravilha!!!"

⁸ Escrita de forma literal

⁹ Droga! Já se foram meus planos para o futuro!





Figura 1: Gestação

4.1 As imagens

Em primeiro lugar, destacamos as imagens apresentadas nos quadrinhos, pois, em nenhuma delas, conseguimos identificar as faces das pessoas envolvidas, a não ser a face do futuro bebê. No primeiro quadrinho, vemos os espermatozoides iguais uns aos outros e sem rosto ou qualquer indicação do gênero biológico. Nos quadrinhos seguintes, vemos o bebê já formado, o que, no entanto, não dá indícios acerca de ser menino ou menina. Nas imagens dos adultos, no entanto, vemos suas vestimentas, o que nos remete aos gêneros biológicos: um médico homem e uma mãe. Apesar do cuidado dos autores na produção dos quadrinhos em relação a não identidade marcada pelo rosto das pessoas envolvidas, a pressão social sobre a identidade de gênero é muito forte, fazendo com que apareça a imagem de um provável médico, reafirmando o fato de que as profissões de prestígio são identificadas com o sexo masculino, sobrando à mulher a maternidade e a vocação de ser mãe.

Kress (2006), ao discutir o funcionamento das imagens na sociedade, diz que nossa abordagem para comunicação começa de uma base social e que os significados expressados por falantes, escritores, pintores, escultores, fotógrafos etc. são “primeiro e principalmente significados sociais apesar de reconhecermos o efeito e a importância das diferenças

individuais¹⁰ (KRESS, 2006, p. 18). Essa afirmação corrobora a força com que os valores sociais agem sobre nossas identidades e sobre os sentidos que produzimos diariamente. Queremos dizer com isso que os quadrinhos foram resultado de discussões em sala de aula sobre os papéis sociais exercidos por pessoas do sexo masculino e feminino em nossa sociedade, na tentativa de desmistificar os lugares preconcebidos que ambos os sexos têm. Os quadrinhos caminham nesse sentido ao trazerem uma crítica e uma reflexão acerca da formação das identidades de crianças desde antes do nascimento. Por outro lado, parece-nos que reforçam as identidades profissionais de homens e mulheres nas imagens dos adultos apresentadas. A pergunta que nos fica é: por que no lugar do que parece ser um médico não havia uma médica, já que a palavra *doctor* em inglês não marca morfológicamente o gênero?

Volochinov (2017), ao discutir a produção de sentidos, afirma que esse é um tenso processo envolvendo, pelo menos, dois interlocutores com experiências, histórias e perspectivas diferenciadas, além de horizontes de visão opostos; isto é, a visão que o locutor possui de seu interlocutor implica um horizonte distinto de valores. No momento em que o interlocutor se torna locutor, esse horizonte de valores muda, o que significa que os valores de um e de outro não são idênticos em decorrência da posição em que cada um ocupa no mundo. Aliam-se a isso os temas sociais circulantes, ou seja, os valores que circulam tanto no contexto imediato e local em que ocorrem as interações quanto em contextos mais amplos que envolvem questões histórico-ideológicas.

O cruzamento de sentidos entre imagens e tematização social remete-nos, em primeiro lugar, à reflexão do grupo acerca dos temas suscitados em sala de aula de língua inglesa sobre os papéis pré-determinados socialmente quando focalizamos a atenção nas personagens sem rosto e na criança sem marca clara de gênero. Ao mesmo tempo, em segundo lugar, encontramos um reforço nos papéis profissionais valorados para o sexo masculino e para o sexo feminino.

4.2 O texto escrito

Observemos agora, com base no texto escrito de que forma os sentidos trazidos pelos quadrinhos convergem e completam-se. No primeiro quadrinho, a expressão *I managed* remete à primeira vitória que precisamos ter, que é a de fecundar primeiro o óvulo, para que haja a

¹⁰ First and foremost social meanings even though we acknowledge the effect and importance of individual differences. (KRESS, 2006, p. 18).



gestação. O uso de *now* mostra uma fase que se iniciará: o desenvolvimento fetal, nascimento e crescimento dessa criança. E *I will* indica o desejo daquele bebê em se tornar um grande gênio da tecnologia no futuro. Essa combinação de fatores remete-nos à noção de competitividade e individualismo na sociedade, ou seja, o primeiro a chegar, conquistando o primeiro lugar, é melhor, mais apto e, portanto, poderá ser um grande profissional, deixando todos os outros para trás. Ao chamar nossa atenção para o que denomina de espaço abissal entre uns e outros, Sousa Santos (2014), estabelece uma divisão entre aqueles que participam de uma sociedade neoliberal, por meio do sucesso na competição e aqueles que são deixados à margem. Para o autor, quanto mais a sociedade neoliberal capitalista desenvolve-se, mais profunda essa divisão vai se tornando entre os que possuem e os que não. Como consequência disso, há uma necessidade premente entre os indivíduos de se distanciarem continuamente daqueles despossuídos, o que implica mais competição e, por conseguinte, mais consumo, o que é o motor das sociedades neoliberais capitalistas. Ao se entender como melhor na competição pelo óvulo, o espermatozoide entende-se também como aquele que poderá ser bem-sucedido no contexto profissional, distanciando-se dos outros que não tiveram sucesso. Para Sousa Santos (2014), há uma constante tentativa de apagamento daqueles indivíduos pertencentes ao lado menos favorecido do espaço abissal.

No segundo quadro, que indica outro momento, a autora coloca em forma de recordatório¹¹ *Five months later* para indicar o tempo que se passou da fecundação até o instante marcado pelo quadrinho. A personagem que representa a mãe diz querer saber o sexo do bebê. A escolha que se faz é pela palavra *sex* e não *gender*, o que demonstra uma compreensão de que o sexo biológico marca a definição do que podemos ou não ser. Sobre isso, Butler (2003) afirma que

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada ao seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos (BUTLER, 2003, p.24).

Ao tratar da dicotomia sexo/gênero, Butler (2003) nos chama atenção para o fato de esses dois termos terem sido tratados como sinônimos por muito tempo. Mas ao acrescentarmos a questão cultural/social, percebemos que sexo e gênero não são categorias tão ligadas assim.

¹¹ Recordatórios são as caixas de textos que acompanham os quadrinhos. Eles podem narrar a história, sem ser redundante, acrescentando fatos, de tempos e lugares diversos, ou aspectos que não estão nos desenhos. Mais detalhes em: <<http://criandohqs.blogspot.com.br/2011/12/recordatorios-nos-quadinhos.html>>.



Elas foram construídas como iguais e justificaram as diferenças dentro de uma lógica sexual/biológica/anatômica. No entanto, observando que questões de gêneros são construídas socialmente, a distinção gênero/sexo supõe transgressão, ruptura.

Essa ruptura não acontece no quadrinho apresentado nesse artigo, pois, ainda no segundo quadro, o bebê pensa: *'I also want to know'*. O uso de *'also'* indica a importância para a criança, que até o momento aparece-nos como assexuada, no conhecimento de seu sexo biológico. Isso para reforçar que ela precisaria saber qual seu sexo para ter a certeza de que seus planos na fecundação se tornariam reais, ou seja, de que seria bem-sucedida na competição profissional, assim como o foi na competição pelo óvulo.

Ao observarmos o terceiro quadrinho, após a revelação do sexo biológico da criança, tão aguardado pela mãe e pelo feto, percebemos que as reações da mãe e da filha são diferentes. A primeira fica feliz com a notícia, mas a segunda sente-se frustrada com a impossibilidade de seus planos tornarem-se reais. O uso de *'damn it'*, por parte da criança, indica a decepção. Aqui é mostrada de forma cômica como a nossa sociedade contemporânea dita o que homens e mulheres podem ou não ser. E o pior: desde a gestação, pois é a partir daí que pais e mães se preparam e fazem planos para o futuro de seus filhos e filhas de formas diferenciadas. São esses planos para o futuro que vão projetando na criação das crianças limitações ou impulsos para cada uma delas a depender de seu sexo biológico. Sobre a questão dos sexos, Lopes (1997, 21) afirma que: “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”.

É sobre essa construção social dos sexos que o quadrinho nos faz refletir, sobre o quanto delimitamos papéis de homens e mulheres numa sociedade, muitas vezes sem atentarmos para as diferenças que vamos construindo através de nossos discursos. As imagens e o texto escrito compõem eixos de sentido que se distinguem e, ao mesmo tempo, complementam-se.

De um lado, encontramos o resultado do trabalho reflexivo feito em sala de aula com os alunos em que percebemos um viés crítico em relação aos papéis preestabelecidos na sociedade, quando retira os rostos das personagens e apaga quaisquer indicações do sexo biológico da criança. A criança que vai ser gerada poder ser aquilo que bem entender, como demonstrado pela própria fala do espermatozoide. No entanto, essa possibilidade aberta, de um lado, é fechada de outro, quando percebemos os papéis sociais bem definidos nas personagens

do médico, homem bem-sucedido na sociedade neoliberal capitalista, e da mãe, geratriz e, aparentemente, sem profissão claramente definida. Esse sentido complementa-se por meio do texto escrito que estabelece um movimento de possibilidade de sucesso, no primeiro momento, e de decepção com a notícia do sexo biológico da criança por ela mesma, ao perceber que o sucesso pretendido está diretamente relacionado a ser homem, e não mulher; isto é, a ser um profissional da tecnologia, ou um médico, em oposição a ser uma mãe sem profissão claramente definida.

Algumas considerações

Neste artigo, procuramos discutir sobre a distinção sexo/gênero através da análise de um quadrinho que destaca a descoberta do sexo de um bebê e o quanto de expectativas são lançadas de acordo com o sexo de alguém, pois, como fora discutido, os papéis de homens e mulheres na sociedade muitas vezes são predefinidos. Papeis esses que limitam o lugar das pessoas, cerceando a liberdade de realização de sonhos, planos e projetos.

Por meio deste trabalho pudemos observar que o discurso que enfatiza as diferenças entre os gêneros vai, pouco a pouco, sendo problematizada e desconstruída através tanto da palavra escrita quanto da linguagem das imagens: das pessoas retratadas, das cores escolhidas, do foco em determinado ponto. Isso tem grande importância na construção de leitores e produtores críticos, porque escola é lugar de proporcionar crescimento intelectual, por meio de leituras, discussões e produções escritas.

Em *O aprendizado de gênero: socialização na família e na escola*¹², percebemos que essas duas instituições são as principais formadoras da identidade de gênero, uma vez que o nosso lugar como homem ou mulher na sociedade já é predefinido antes mesmo de nascermos, pois quando os familiares sabem o sexo do bebê já escolhem cores, enxovais, brinquedos, roupas, entre outras. Assim já estão desenhando nosso lugar na sociedade. Defendemos que escola e família podem ser lugares para repensarmos essa construção identitária e para tentarmos reconstruir o que há muito tempo é visto como natural.

Outro ponto que nos chama atenção é sobre brinquedos, jogos e brincadeiras na infância, que são incumbidos de nos ensinar a distinguir atitudes e gestos tipicamente

¹² O aprendizado de gênero: socialização na família e na escola. Curso gênero e diversidade na escola. Módulo 2. Disponível em: <https://gdeufabc.files.wordpress.com/2019/02/mod2_unidade1_texto3.pdf>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2020.



masculinos ou femininos. Aquele quadrinho sobre a gestação nos mostra uma cena antes do nascimento de uma criança, mas se formos além lembraremos que na infância aprendemos a agir de acordo com o que é esperado para nosso gênero.

Dessa forma, quando presenteamos meninos com carros, jogos violentos, armas, espadas, bolas, bicicletas e skates estamos dizendo para eles que devem ser agressivos, velozes, violentos, livres – que o seu espaço é público. Ao contrário, quando presenteamos meninas com bonecas, miniaturas de móveis e utensílios domésticos estaríamos dizendo para elas – através do currículo oculto – que seu espaço é o doméstico, o privado. Educadoras e educadores precisam repensar essas limitações impostas aos gêneros. O primeiro passo é não reproduzir esse tipo de distinção e, desconstruindo tais ações, refletir com suas turmas de forma crítica. Mais importante do que desconstruir paradigmas para construir outros – que também acabarão sendo paradigmas – é repensarmos nossos papéis como mulher e homem em nossas casas e em nosso convívio social.

Tanto na família quanto na escola, é importante que as pessoas adultas tenham consciência de sua influência ao lidar com crianças, e percebam que “podem reforçar ou atenuar as diferenças de gênero e suas marcas”. Se educarmos meninos e meninas de maneira radicalmente distinta, devemos ter consciência de que não estamos contribuindo para um mundo mais justo, em que haja equidade de gênero, diz o texto¹³ com o qual concordamos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. O aprendizado de gênero: socialização na família e na escola. Curso gênero e diversidade na escola. Módulo 2. Disponível em: <https://gdeufabc.files.wordpress.com/2019/02/mod2_unidade1_texto3.pdf>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2020.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. *Corpos que importam*. Tradução: Magda Guadalupe dos Santos e Sérgio Murilo Rodrigues. Sapere Aude – Belo Horizonte, v.6 - n.11, p.12-16, 2015.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 16, n. 002, p. 221-236: Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2003.

KRESS, G; LEEUWEN, T. *Reading Images: The grammar of visual design*. London/New York: Routledge, [1996] 2006.

¹³ Nota de rodapé 13.



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v1i9.1549>

LOURO, G. L. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. In: FELIPE, J. ; GOELLNER, S. V. (org.). Ed. 6. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MINAYO, M.C.S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

MOITA LOPES, L. P. da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002.

NOGUEIRA, J. K. ; FELIPE, D. A. ; TERUYA, T. K. *Conceitos de Gênero, etnias e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar*. Florianópolis: *Revista Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*, 2008.

PENNYCOOK, A. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Maria do Couto. *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

PENNYCOOK, A. Popular Cultures, Popular Languages and Global Identities. In: COUPLAND, N. (ed) *The Handbook of Language and Globalization*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

SOUSA SANTOS, B. *Epistemologies of the South: justice against epistemicide*. London and New York: Routledge, 2014.

STELLA, P. R.; TAVARES, R. R. Interação e produção de sentidos na interculturalidade: quando os mundos colidem. In ALBINI, A. B; MEDEIROS, V. da S. (Org.). *Diversidade Cultural: Ensino de Língua Estrangeira*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, p. 61-72.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Anexo

Parecer do comitê de ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Gênero e Diversidade nas aulas de inglês do Ensino Médio: um estudo sobre Letramentos.

Pesquisador: Josenice Cláudia Moura de Lima

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 14421913.8.0000.5013

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 807.007

Data da Relatoria: 11/09/2014

Apresentação do Projeto:

Nesse Projeto pretendo pesquisar o processo de ensino e aprendizagem de língua adicional, inglês, no Ensino Médio, sobretudo a formação de leitores críticos, com base nos estudos sobre Letramentos. Para isso, escolhi o tema "Gêneros e Diversidades". Realizarei um estudo de caso em uma das minhas turmas do Ensino Médio de uma escola da rede pública federal do estado de Alagoas. Como serei a professora-pesquisadora, trata-se de um estudo de caso com intervenção. Além das descobertas que faremos em sala de aula, das reflexões e possíveis mudanças, pretendo contribuir, com os resultados da pesquisa, para formação de outros colegas professores da rede pública.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Construir, dentro das aulas de Língua Adicional, inglês, a consciência crítica dos alunos dentro de uma abordagem sobre questões de Gênero e Diversidade.

Objetivo Secundário:

1- Utilizar o Livro Didático e outros materiais de suporte como: jogos, músicas, peças teatrais e filmes como instrumentos de desenvolvimento de leitores críticos; 2- Desenvolver atividades de leitura e produção de textos que incentivem reflexões sobre as discussões engajadas em sala; 3-

Endereço: Campus A. C. Simes Cidade Universitária
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-000
UF: AL Município: MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comitedesticaulal@gmail.com

Página 01 de 03



Continuação do Parecer: 807.007

Promover momentos de interação entre os alunos para que, compartilhando ideias, possamos nos tornar cidadãos ativos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Sabendo que em toda pesquisa que envolve seres humanos há riscos, tentarei minimizá-los preservando os direitos e integridade física e mental tanto dos participantes da pesquisa, quanto daqueles que não desejarem participar. A pesquisa será realizada em uma de minhas turmas. Para assegurar o direito dos estudantes que não queiram participar, as atividades realizadas não serão objeto de avaliação, ou seja, não irão gerar notas.

Benefícios:

Estudantes e professora mais reflexivos, críticos e socialmente ativos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora atendeu as pendências do último parecer (Adequar o cronograma no projeto e no TCLE; alterar o texto referente aos procedimentos de análise de dados).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de acordo com a Resolução 466/12.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Protocolo atende as recomendações éticas da Resolução 466/12.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Campus A. C. Símbios Cidade Universitária
Bairro: Tabuleiro das Marins CEP: 57.072-900
UF: AL Município: MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comiteeticafal@gmail.com

Página 02 de 03

Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 9, n. 1 (2020)

Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Processo: 807.007

MACEIO, 25 de Setembro de 2014

Assinado por:
Deise Juliana Francisco
(Coordenador)

Endereço: Campus A. C. Simões Cidade Universitária
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-900
UF: AL Município: MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comitedeeticafal@gmail.com

Página 03 de 03



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v1i9.1549>